

# Processos de revitalização urbana, lazer e turismo

Margarita Barretto<sup>1</sup>

Fundação Universidade Regional de Blumenau

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa foi registrar a percepção de diferentes atores sociais sobre o processo de revitalização da rua Vidal Ramos, no centro histórico da cidade de Florianópolis. Foi realizada uma pesquisa documental e etnográfica, com observação não participante, entrevistas semi estruturadas e registro fotográfico. O estado atual da rua foi aprovado por todos os atores sociais entrevistados, que incluíram idealizadores do projeto, lojistas, moradores e transeúntes. Tratou-se de uma pesquisa exploratória, com duração de apenas uma semana, cujos resultados podem contribuir com as discussões sobre revitalização e gentrificação e constitui uma inovação enquanto tema de pesquisa na cidade de Florianópolis.

**Palavras-chave:** Turismo; Patrimônio; Revitalização Urbana; Percepção

## Introdução

Os espaços públicos são, ou deveriam ser, para todos. No entanto na medida do crescimento das cidades houve uma apropriação de alguns setores das mesmas por diferentes atores sociais, o que foi levando aos poucos à segregação espacial. Dito de outra forma, tomando

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Docente do Mestrado em Administração da FURB e do Mestrado em Arquitetura da UFSC. Pesquisadora do CNPq. Graduanda do Curso de Museologia da UFSC. Autora de livros e artigos científicos vinculando cultura e turismo.

de empréstimo observações de Leite (2002) o espaço urbano deixa de ser público; passa a ser de certa forma “privatizado” para uso de um grupo social e não por estar interdito para os outros grupos, mas porque estes últimos evitam aqueles espaços. Esta situação dá-se tanto quando uma parte da cidade se torna muito elitizada e é evitada pelas classes menos favorecidas, quanto em situações inversas, em que classes médias e altas evitam lugares chamados populares, ou em situações em que grupos sociais considerados marginais (mendigos, usuários de drogas, desabrigados) ocupam espaços que são evitados, na medida do possível, por todas as classes sociais, numa situação paradoxal na qual, aqueles que, conforme Zukin (1980) estão destituídos de poder (econômico, político e de decisão) tem o poder de excluir os que tem aquele poder.

Os processos de reestruturação e remodelação urbana conhecidos sob o nome de qualificação, requalificação ou revitalização, ou pelo anglicismo gentrificação, permitem que os espaços urbanos retomem seu caráter público (Leite, 2002, p. 116), no entanto, têm sido alvo de muita discussão sobre tudo em função da eliminação destes espaços de moradores pertencentes às classes menos favorecidas.

O primeiro projeto de revitalização urbana citado pela literatura acadêmica é o do Barão Haussmann no século XIX para adequar Paris às necessidades de circulação da sociedade industrial. Era um projeto destinado a “higienizar” a cidade (Choay, 2001)., mas também a dificultar as barricadas operárias e facilitar a ação da cavalaria (Leite, 2002)

O conceito de gentrificação *gentrifying* no original em idioma inglês, é atribuído à socióloga (naturalizada) inglesa Ruth Glass, que o criou em 1964 quando descrevia o processo pelos quais os bairros operários de Londres começavam a ser “invadidos” pelas classes médias altas e baixas. Estas reformavam os sobrados, elevavam os preços do mercado imobiliário e, com isto, expulsavam a classe operária, levando a uma reconfiguração socio cultural do bairro. O processo carrega uma conotação negativa, enfatizando a exclusão das classes menos favorecidas e são muitos os casos citados pela literatura e há inclusive movimentos internacionais contra a gentrificação. (ver sites)

No entanto, é preciso retroceder um pouco para entender o processo anterior aos projetos de requalificação, que é a deterioração dos centros urbanos, devida ao processo de desindustrialização e de desmobilização das massas.

Na década de 1960 começa o chamado processo de desindustrialização e muitos protestos sociais (Harvey, 1989). A sociedade entra na era pós-industrial, em que o setor de serviços (o terceiro setor da economia) começa a prevalecer sobre o segundo. Grandes fábricas ficam vazias, depósitos ficam ociosos. Como parte de uma estratégia política de desmobilização das massas, são criados distritos industriais, centros administrativos, centros empresariais e outros, longe dos centros das cidades, de forma a impedir a concentração de operários, empregados, minorias que defendiam direitos, etc.

Como resultado, os centros das cidades são abandonados, aumentam os moradores de rua, o tráfico de drogas, a prostituição. Os centros das cidades passam a ser lugares perigosos, que devem ser evitados.

Algo similar aconteceu nas zonas portuárias, onde, devido à difusão dos *containers*, os prédios antes utilizados como depósitos de mercadorias ficam abandonados.

A revitalização tem sido objeto tanto de críticas quanto de aprovação. A crítica segue às observações de Glass antes comentadas. Os lugares, antes da gentrificação, tinham moradores ligados à história local. Estas pessoas por sua vez tinham empregos ou subempregos nas redondezas e foram obrigados a mudar para bairros afastados o que os prejudicou não necessariamente pela perda do emprego em si mas pela dificuldade em aceder ao emprego, uma vez que dependem de transporte público, que é escasso ou inexistente. Este problema foi recorrente mesmo em lugares onde houve uma preocupação por realocar as pessoas em bairros populares construídos especialmente<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> E não é exclusivo de casos em que a população é realocada por questões de revitalização. Acontece também em casos em que são construídas moradias para danificados por desastres naturais. Um exemplo é o bairro construído para vítimas das enchentes na cidade de Blumenau em SC.

De outro lado, se situam aqueles que defendem o processo, argumentando que, os primeiros trabalhos de revitalização urbana em Bolonha (Itália) foram projetos destinados à classe trabalhadora (Gagliardi, 2011). Também deve-se tomar em conta que a exclusão social não surge exclusivamente a partir da gentrificação. O estágio do sistema capitalista nas últimas décadas do século XX levou à polarização sócio-econômica. O capital e os fluxos das mercadorias manipulam os mercados de trabalho, criando o que Dear e Flusty (1999, p. 81) denominam com os neologismos de “cyburguesias” de um lado e os permanentemente marginalizados do outro, enquanto as cidades se transformam em espaços descontínuos e fragmentados, dominados por máfias transnacionais (ibidem).

Em muitos lugares, a gentrificação permitiu a recuperação dos espaços públicos para uso da classe média, parques praças, a própria rua. Foram instalados também negócios, que dinamizaram a economia, além de proporcionar prazer estético, dimensão esta (a estética) que já era apontada por Simmel no início do século como altamente relevante para o indivíduo em sociedade (Simmel, 1991; Frisby, 1991) e que é reconhecida também como importante na pós modernidade, por autores como Harvey, por exemplo, que, após muito analisar a sociedade afirma que as práticas estéticas realmente importam (Harvey, 1990, p. 355).

Em muitos lugares, com a revitalização urbana evitou-se a destruição de prédios históricos e, por exemplo na Inglaterra, houve uma valorização de disciplinas como a história, a etno história, a antropologia e a geografia entre outras, que concorreram para a recuperação dos lugares históricos (Lumley, 1988, Urry, 1995)<sup>3</sup>. Mesmo autores que em um aspecto criticam a requalificação, admitem que “parece indiscutível que essa forma de intervenção urbana tem contribuído para criar uma certa rotina estética e uma vida pública” Leite, 2002, p. 120.

---

<sup>3</sup> Não há estudos publicados no Brasil para reportar esta situação, no entanto sabe-se por evidência empírica que o Projeto Monumenta, pelo qual o centro de Porto Alegre foi requalificado teve muita participação da comunidade universitária.

A revitalização de espaços, com recuperação da memória tem levado também a revitalização de outros tipos de atividades, como festas ou rituais. Boissevain (1996) detectou isto nas suas pesquisas nas ilhas gregas, chamando estas atividades de rituais de revitalização. Pratts (1997) também encontrou este comportamento na Espanha, dando ao fenômeno o nome de ativações patrimoniais. Mesmo que o lugar tenha sido revitalizado com intenção exclusivamente comercial, várias pesquisas mostram que seguiu-se um processo de valorização da memória coletiva, esta memória social, exterior ao indivíduo, estendida no tempo, que guarda arquivados fatos acontecidos há muito (Halbwachs, 1968).

Também tem levado a uma associação com o turismo, desde que os espaços revitalizados/gentrificados/requalificados ao mesmo tempo que se transformam em espaços de lazer urbano, se transformam em atrativos turísticos.

Os exemplos de lugares revitalizados ou gentrificados são inúmeros e crescem dia após dias. São tantos os projetos que já há críticas à reiteração de modelos<sup>4</sup> e seria entediante reproduzir uma lista neste contexto. Basta dizer que a gentrificação das áreas portuárias tem, na atualidade, sua máxima expressão nos Estados Unidos onde há um projeto nacional de requalificação das mesmas.

Em muitos lugares houve efetiva participação da população. Um dos exemplos é o projeto da Baía de Boston, recuperada a partir de 1973 por uma associação mista fundada pela Liga de Mulheres Votantes e a Associação de Navios (Barretto, 2007).

No Brasil há casos bem sucedidos e também casos muito criticados, como é o do Pelourinho, na cidade brasileira de Salvador (BA). De acordo com Storatti (2005, pp. 205-223) tratou-se de um projeto oficial centralizador no qual as decisões foram tomadas sem a participação da população. Não houve revitalização porque transformou-se numa área somente turística e comercial na qual, na data da pesquisa acima referida, de 1.307 imóveis apenas 185 eram residenciais.

---

<sup>4</sup> Harvey (1989, pp. 77-78) critica o projeto de Baltimore, dizendo que a cidade gentrificada tem “a mesma monotonia serial que o modernismo que supostamente reemplazaria”. As paredes ficaram uniformizadas com tijolo à vista e os mesmos faróis.

No caso do centro de São Paulo, o projeto não atingiu seus objetivos de revitalização total porque não foram tomadas outras medidas estruturais para o manejo da cidade, e tampouco foi tomado em conta o problema social da mesma (Yazigi, 2006, p. 201).

No caso de Recife, pode-se dizer que o projeto foi bem sucedido, embora observa-se um certo deterioro no aspecto físico. Houve participação dos empresários locais e do poder público, assim como da cadeia de rádio e televisão mais poderosa do país. A rua passou a ter um calendário anual de atividades culturais, adquiriu visibilidade, e em 1998 foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (Leite, 2002)<sup>5</sup>. Na atualidade congrega muitos bares e casas noturnas, há feira de artesanato aos domingos e, muito importante, não perdeu o movimento tradicional.

### **Descrição do local e da metodologia empregada**

A Rua Vidal Ramos está localizada no centro histórico da cidade de Florianópolis, começando na lateral da Igreja Matriz, na R. Arciprestes Paiva estendendo-se por quatro quarteirões, até a R. Alvaro de Carvalho.

Pode-se dizer que a R. Vidal Ramos atualmente reúne as características que Relph (apud Dear & Flusty, 1999, p.66) atribui à paisagem urbana<sup>6</sup> pós moderna: elegância, fachadas com aparência antiga, estilo, moda, reconexão com a história e a geografia locais, preferência para os pedestres.

A pesquisa aconteceu durante uma semana, na qual duas pesquisadoras observaram a dinâmica da rua, nos três períodos, de manhã, de tarde e de noite, em dias alternados. Foi realizado um registro fotográfico e foram realizadas entrevistas com diferentes informantes. Na categoria informantes foram entrevistados o idealizador do projeto, a atual líder do

---

<sup>5</sup> Foi também palco de disputas de legitimação de identidades e de espetacularização e comercialização da cultura (Leite, 2002)

<sup>6</sup> O autor diferencia, em inglês *cityscape* que seria paisagem da cidade grande e *townscape* que seria a paisagem de uma cidade pequena e se refere a esta paisagem urbana pós moderna como *townscape* ou seja uma paisagem que tenta dar a sensação de um ambiente menos impessoal, mais aconchegante.

grupo de lojistas, uma das executoras do projeto, dois zeladores de prédios<sup>7</sup> e duas pessoas idosas que moram num prédio localizado no final da rua. Foram também entrevistados gerentes e atendentes de lojas assim como pedestres. Entre os primeiros, tentou-se equilibrar o ramo de lojas, entrevistando-se funcionários, gerente e/ou proprietários. Também tentou-se equilibrar comércios mais novos com comércios mais tradicionais. Entre os pedestres tentou-se equilibrar idades e gênero. Preferiu-se abordar pessoas que estavam sentadas ou olhando vitrines, evitando-se parar pessoas que estavam andando ou distrair pessoas que estavam comprando. Para entrevistar os funcionários das lojas aguardou-se um momento em que não houvesse clientes dentro. Entre lojistas e pedestres foram entrevistadas 39 pessoas, somando um total de 46 entrevistados. Não se trabalhou com critério de amostragem mas com o critério da saturação de Bertaux (1980), pelo qual quando as repostas se repetem não acrescentando mais dados á pesquisa, considera-se número suficiente.

Tratou-se de um estudo de caso descritivo e exploratório, no qual não houve hipóteses; procedeu-se mediante observação não participante, assistemática anotada em diário de campo, utilizando-se como instrumentos o registro fotográfico, e entrevistas semi estruturadas, que foram gravadas em meio eletrônico<sup>8</sup>, e utilizou-se suporte documental e hemerográfico.

O roteiro de entrevistas procurou desvendar as representações de lojistas e transeúntes a respeito do processo de revitalização. Com cada entrevistado conversou-se sobre como lembrava a rua antes e como a enxerga agora, sobre se houve algum processo de exclusão, sobre a mudança ou não no público consumidor, sobre as diferenças percebidas no clima social em geral.

---

<sup>7</sup> Os zeladores ofereceram informações interessantes, não apenas pelo contato que têm com os moradores mas porque os dois prédios estavam equipados com câmeras que permitiam uma visão total do quarteirão, portanto eles puderam nos informar sobre o movimento em geral.

<sup>8</sup> Somente uma entrevista não foi gravada, a concedida por uma senhora de 84 anos que não achou que seu depoimento pudesse ser interessante. No entanto concedeu duas horas do seu tempo à pesquisadora, tomando café e passeando pela rua de braço dado.

## **Histórico do processo**

O projeto de revitalização da rua começou no ano de 2007 por iniciativa de alguns comerciantes sob a liderança do então presidente da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis- ACIF. Esta rua é paralela à três ruas comerciais, a Conselheiro Mafra e a Felipe Smidt que concentram a maior parte do comércio do centro da cidade, e a Tenente Silveira que tem algumas lojas, muitas instituições financeiras, vários edifícios públicos, entre eles a Biblioteca Pública Municipal. Tratava-se de uma rua pouco frequentada, muitas pessoas entrevistadas comentaram que nunca tinham chegado até a mesma, embora fossem frequentadores do centro. A rua era “pacata”, definem os entrevistados, descuidada, perigosa a partir do entardecer, “dava medo na hora de fechar a loja” declara uma atendente de relojoaria, os dias de chuva “os esgotos retornavam” comenta o idealizador do projeto.

Como nos casos internacionais estudados nos processos de gentrificação, o centro comercial de Florianópolis foi afetado pela descentralização administrativa, pelo crescimento de centros comerciais em bairros (Canasvieiras, Ingleses, Lagoa da Conceição) além da instalação de três grandes *shopping centers*.

O idealizador do projeto se inspirou numa rua de São Paulo, e inicialmente tentou realizar o projeto em outras ruas do centro que estavam precisando de revitalização. No entanto, não encontrou eco nos lojistas. Na Vidal Ramos foi diferente, havendo adesão de mais de 30% dos comerciantes, desde que já havia há mais de dez anos, entre esses, uma idéia de revitalizar a rua. O projeto, inaugurado em março de 2012, chamou-se shopping a céu aberto, igual que em São Paulo e a forma de gestão é a mesma de um shopping, com promoções em comum e divulgação nos meios em conjunto, de forma a otimizar os custos de administração e a obtenção de benefícios para todos<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Por exemplo um convênio para que o recolhimento de lixo aconteça em determinado horário e que todos os lojistas coloquem o lixo em determinado lugar nesta hora.

Foi feita uma parceria público-privada. Foi realizado um convênio pelo qual a Prefeitura Municipal realizou a infra-estrutura, colocou esgotamento sanitário, os cabos de luz subterrâneos e fez o pavimento. O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis-IPUF fez o desenho urbano, planejou os toldos e placas, a sinalização da rua. Os lojistas pagaram as marquises e placas, os bancos, as jardineiras e as lixeiras. As plantas doadas por duas grandes empresas da capital e cuidadas pelos próprios lojistas. Foi realizado um convênio com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas -Sebrae para realizar um programa de treinamento e capacitação com os lojistas e seus empregados, para atendimento em geral e foram ministrados cursos de vitrinismo.



Figura 1- Detalhe de Banco, Lixeira e Floreira, placa padronizada e calçada acessível

A rua passou a ser um espaço de trajetos, ou seja fluxos recorrentes (Magnani, 2002). Pessoas que transitavam pelas ruas paralelas passaram a utilizar a Vidal –como é chamada por todos- porque “gostam mais”. Utilizando ainda os conceitos de Magnani, pode-se dizer que está se constituindo numa mancha de lazer urbano, com bancos para sentar e cafés.

As marquises, além de darem uniformidade estética, protegem da chuva e do sol, o que, conforme os lojistas, propicia o aumento das vendas nos dias de mau tempo e esperam que

o mesmo aconteça nos horários de calor extremo no verão. Os moradores e transeúntes elogiaram também a proteção das marquises.

Os transeúntes entrevistados lembram que era uma rua comum, e a maioria ou bem não transitava por ela, ou sequer a conhecia. Os moradores não transitavam por ela a não ser o imprescindível, a qualificam como “abandonada”. Já os lojistas lembram que era uma rua desorganizada, suja, pacata, “esburacada” e comentam que tinham medo na hora de abrir as lojas de manhã, ou na hora de fechar a noite. Um comerciante comentou que sua loja foi assaltada duas vezes e outra que disse que havia lojas que tinham sido assaltadas quatro ou cinco vezes<sup>10</sup>.

De acordo com todos os entrevistados a rua melhorou muito de todo ponto de vista. Respostas como “adorei”, “amei”, “ficou maravilhosa” apareceram reiteradamente nas entrevistas com os pedestres e moradores, assim como os adjetivos agradável e gostosa. “Essa beleza e essa atenção que está sendo dada para a rua da sensação de segurança, da vontade de comprar, dá vontade de tomar um café” diz a gerente de uma loja de roupas.

Observou-se muito movimento dentro das lojas, em algumas especialmente mais do que em outras até o ponto de não ser possível encontrar um momento oportuno para realizar entrevistas com os funcionários e/ou gerentes.

Os lojistas entrevistados não reportam nenhum processo de exclusão de antigos lojistas ou de substituição de lojas antigas por novas empresas. Afirmam que houve aumento no movimento da rua, embora não necessariamente do faturamento<sup>11</sup> mas todos entendem que isso é uma questão de tempo; estão contentes, há melhor clima de trabalho, vêm à loja com mais vontade<sup>12</sup>. Estão orgulhosos de que a rua está sendo “comentada”, inclusive por

---

<sup>10</sup> Como está-se trabalhando com percepção não importa o número exato.

<sup>11</sup> Um lojista comentou que suas vendas tinham aumentado e que suas vendedoras que trabalham a comissão estavam ganhando o dobro que no ano anterior e houve outros (poucos) que também comentaram que o faturamento tinha aumentado.

<sup>12</sup> Em meio ao entusiasmo generalizado somente duas atendentes de uma pequena loja disseram que para elas nada tinha mudado.

estrangeiros, e esperam que no futuro a rua possa ser um atrativo turístico para ajudar a quebrar a sazonalidade<sup>13</sup> característica de Florianópolis.

Também está acontecendo um fato que os lojistas não esperavam: a entrega de curriculums por parte de funcionários que estão trabalhando em “lojas boas” dos *shoppings* e que manifestam que gostariam de trabalhar em lojas boas do centro..

Quase todos os pedestres entrevistados dizem não encontrar diferença de preços entre as lojas da Vidal Ramos e as outras lojas do centro, observando que há também lojas caras e lojas baratas nas outras ruas. A observação empírica também permitiu constatar que os preços não são diferentes e até havia lojas com descontos oferecendo preços mais baratos do que em outras lojas da cidade. Inclusive a zeladora de um prédio, entrevistada na qualidade de informante, disse que ela comprava em algumas lojas da Vidal.

Os bancos são alvo de elogios. As pessoas utilizam expressões como “é demais poder sentar”. E um senhor que usava muletas comentou que sua vida seria mais fácil “se toda rua fosse assim”.

Dentre os transeúntes entrevistados somente uma pessoa, que identificou-se como socióloga moradora de uma cidade vizinha criticou o projeto urbanístico avaliando que os bancos tinham ficado muito próximos da rua o que era perigoso porque alguém podia ser atropelado por um carro.

Observou-se que muitas pessoas se cumprimentavam e que havia grupinhos pequenos nas portas principalmente de lanchonetes e cafés e um jovem que estava com quatro amigos comentou que “este projeto bate com a maneira de ser do manezinho<sup>14</sup>, de conversar, de se reunir”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Afluência de turistas somente durante as estações quentes do ano, fenômeno que afeta todos os destinos de sol e praia.

<sup>14</sup> Nativo de Florianópolis (SC)

<sup>15</sup> De fato há em Florianópolis uma tradição de reunir-se nas praças, ou em determinadas esquinas. Exemplos de pontos de reunião são o “senadinho” na esquina das Ruas Felipe Schmidt com Trajano, e Rua dos Ilhéus com Tenente Silveira, onde há inclusive mesas para jogar dominó e que reúnem muita gente.

O zelador de um prédio comentou que ao entardecer vários vizinhos, mais idosos, desciam e ficavam na rua, na frente do prédio, confraternizando.

Um dado importante é que os prédios foram beneficiados com a instalação de esgotamento sanitário, e uma nova rede pluvial, desde que nos últimos anos quando chovia a rua alagava. Também a iluminação pública foi trocada colocando-se lâmpadas led que tem mais luminosidade e, portanto, oferecem mais segurança a noite.

Uma das respostas que mais surpreendeu na pesquisa foi quanto ao estreitamento da rua para a passagem de carros e à proibição de estacionamento ao longo de praticamente toda a rua. Os lojistas e os pedestres entrevistados utilizaram adjetivos como ideal, ótimo para não haver acidentes e para que os pedestres possam estar a vontade. Uma entrevistada que trabalha em escritório comentou que os colegas se queixavam bastante<sup>16</sup> por não ter onde estacionar, fundamentalmente em dias de chuva, e que alguns inclusive estavam optando por vir de ônibus ao trabalho, mas agregou que “cada um deve solucionar seus problemas, a rua está ótima do jeito que está”

Foram encontrados também contra-usos: “usos que podem alterar a paisagem e imprimir outros sentidos [...] aos lugares e espaços da cidade” (Leite, 2002, p. 121). Foram observadas (e entrevistadas) várias pessoas que estavam sentadas nos bancos públicos portando sacolas de lojas populares que não estão exatamente na Vidal, mas em ruas que cortam a mesma. Estas pessoas não são consumidoras das lojas da rua, porém a utilizam como trajeto e também como espaço de descanso e lazer.

Durante o trabalho de campo não foram encontrados nem moradores de rua nem agentes policiais e este foi um ponto sobre o qual houve divergências entre os entrevistados. Para alguns a segurança melhorou, enquanto que outros declaram que “há somente policiamento aos sábados”

Também há informações encontradas quanto aos moradores de rua. Os coordenadores do projeto dizem que não há mais mendigos dormindo. No entanto a zeladora de um

---

<sup>16</sup> E disse isso numa entoação bem enfática.

prédio comentou que quando ela chega às 6 da manhã, os mendigos levantam e vão embora.

### **Considerações finais**

Do ponto de vista da metodologia da pesquisa, é interessante destacar que as divergências quanto à questão da segurança confirmam que os depoimentos não são suficientes, que é necessário também haver observação e documentação.

Constatou-se uma vez mais que em qualquer grupo social, por pequeno que seja, há tensões entre diferentes atores que tem diferentes interesses (ou desinteresses) cuja percepção do mundo real está contaminada pela subjetividade.

Quanto a um balanço sobre como as pessoas percebem o processo de gentrificação, pode-se dizer que o termo gentrificação que indica enobrecimento, elitização, de repente não seja o mais adequado para definir todos os tipos de revitalização urbana. Quem sabe é necessário começar a separar, dentro dos processos de requalificação urbana o que é elitização e o que é recuperação de áreas degradadas.

A sociedade capitalista levou à existência de grupos marginais, seja pela pobreza ou pela anomia. A requalificação urbana não inclui estes despojados, mas inclui uma classe social que tem sido também prejudicada a partir do último quartel do século XX, a classe média.. Enquanto não houver projetos políticos para incluir todas as classes sociais, porque o modelo econômico escolhido –o neo liberalismo- é excludente, considera-se que projetos para incluir, pelo menos, as classes médias são bemvindos.

## BIBLIOGRAFIA

BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo. Discussões Contemporâneas.** Campinas:Papirus, 2007

BERTAUX, D. L'Approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. Cahiers Internationaux de Sociologie XIX. Paris: PUF, 1980

BOISSEVAIN, Jeremy. **Coping with tourists. European reactions to mass tourism.** Oxford:Berghahn Books, 1996

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo:Unesp, 2001

DEAR, Michael; FLUSTY, Steven. The postmodern urban condition. In: Featherstone, M. & Lash, S. (orgs.) **Spaces of Culture. City-Nation-World.** London: Sage, 1999, pp. 64-85.

FRISBY, David. The aesthetics of modern life: Simmel's Interpretation. **Theory, Culture an Society** Vol 8, London:Sage, 1991,pp. 73-93.

GAGLIARDI, Clarissa. Um grande projeto entre o mar e as colinas: a renovação urbana da cidade italiana de Gênova. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 13, n. 25, pp. 123-143, jan/jun 2011

HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. Paris:Pres Univ de France, 1968

HARVEY, David The condition of Postmodernity. Cambridge: Cambridge University Press, 1989 (reimpressão 1990).

KAUFMAN, Tânia Neumann. *Passos perdidos – História recuperada: a presença judaica em Pernambuco.* Recife: Edição do Autor, 2000.

LEITE, Rogério P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. RBCS, Vol 17, n. 49. Junho 2002

LUMLEY, Robert. The museum time machine. London:Routledge, 1988

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro. Notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol 17, n. 49, junho 2002

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. *Cuadernos de Antropologia Social*, n. 21, 2005, pp. 17-35

SIMMEL, Georg. The problem of style. . *Theory, Culture an Society* Vol 8, London: Sage, 1991pp. 63-71,

SOTRATTI, Marcelo A. Pelas ladeiras do Pelô: A requalificação urbana como arifmação de um produto turístico. Dissertação de Mestrado em Geografia. IG. Unicamp, 2005

URRY, John. The tourist gaze. Leisure and travel in contemporary societies. London: Sage, 1995

YAZIGI, Eduardo A. Esse estranho amor dos paluistanos. Requalificação Urbana, Cultura e Turismo. Brasília:CNPq/São Paulo:Global, 2006

ZUKIN, Sharon. Landscapes of power. Berkeley: University of California Press